

O ADVÉRBIO *REALMENTE*: MODALIDADE EPISTÊMICA E IMPLICITURAS

Márcio Renato GUIMARÃES

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

RESUMO

Este artigo revê parte das alegações, presentes nas descrições do advérbio realmente do português brasileiro, de que esse advérbio expressa um tipo de noção de natureza epistêmica. Essa alegação vai depender do que se entende por “epistêmico” e exige uma definição ampla da noção, e não apenas da representação de possibilidade epistêmicas. Ao mesmo tempo, a alegação de que realmente evoca polifonicamente alternativas contrastantes no contexto de fala se realiza na forma da expressão de implicituras, no sentido de BACH (1994), de natureza conversacional e fortemente dependentes de contexto. Por fim, os dois componentes do significado de realmente o caracterizam como um modificador de proferimento, também no sentido de BACH (1994).

ABSTRACT

This paper starts from the re-viewing of the claim that adverbs like Brazilian Portuguese’s realmente express some sort of epistemic notion. This claim depends on a proper definition of what “epistemic” means and demands a wide definition of the notion, and not only the representation of epistemic possibilities. At same time, the claim that realmente evokes polyphonically contrastive alternatives in the speech context se realiza as the expression of implicitures, in the sense of BACH (1994), conversational in nature and fortemente context-dependent. Finally, both components of the meaning of realmente situate it as an utterance modifier, in the sense of BACH (1994).

PALAVRAS-CHAVE

Advérbio. Implicitura. Modalidade epistêmica. Atos de fala de ordem superior.

KEYWORDS

Adverbs. Epistemic modality. Impliciture. High order speech acts.

Introdução

O advérbio *realmente*, além de seus usos mais típicos de advérbio de verificação como em (1), também ocorre como o que foi denominado advérbio “intensificador”, como em (2):

- (1) O João *realmente* deu iogurte para o filho.
- (2) O João está *realmente* feliz com a nova casa.

Enquanto intensificador, ele teria a significação geral de “muito”, por que poderia ser substituído. Ao mesmo tempo, CASTILHO (2000: 161) observa que, nos usos como intensificador, ele também comporta uma leitura de verificação, no que ele chama de “significação plurívoca”. Assim, (2) pode ser parafraseada tanto por (3a) quanto por (3b):

- (3)
 - (a) O João está *muito* feliz com a nova casa.
 - (b) *Realmente*, o João está feliz com a nova casa.

Dado que a leitura de intensificação depende da existência de um adjetivo (ou de outra expressão) graduável, essa “plurivocidade” não é possível em construções que não envolvam essa gradação, como em (1), por exemplo, que nunca terá uma leitura de intensificação. Além disso, mesmo com expressões graduáveis, não é em qualquer posição sintática que essa leitura é gerada:

(4)

- (a) O João está *realmente* feliz com a nova casa.
- (b) O João *realmente* está feliz com a nova casa.
- (c) *Realmente*, o João está feliz com a nova casa.
- (d) O João está feliz *realmente* com a nova casa.
- (e) O João está feliz com a nova casa *realmente*.

A leitura de intensificação só é possível com o *realmente* na posição de modificador do adjetivo (4a), ou do sintagma verbal predicativo (4b), mas principalmente na primeira. Nas outras posições, a única leitura possível é a de verificação.

PARADIS (2003: 6-7) e LACERDA (2012: 177-8) também descrevem um terceiro uso¹, que a primeira chama de “ênfatisador” (*emphasizing*) e a segunda, de “marcador epistêmico de avaliação subjetiva”, que ocorre com verbos de atitude proposicional e é “empregado para indicar a avaliação subjetiva dos falantes acerca da importância da situação envolvida na proposição” (exemplo de LACERDA, 2012: 178):

- (5) [...] você repare só, logo após uma corrida de Fórmula 1, como os desastres acontecem com muito mais rapidez porque normalmente o motorista começa a ziguezaguear, fazer loucura. Então, não gosto. Não gosto de boxe. Acho que é, um esporte brutal, ***eu gosto realmente é do esporte coletivo***, isso aí, voleibol, basquete, e tal, mas o futebol, principalmente. (PROJETO NURC, 2011).

Num primeiro momento, este trabalho vai se ater aos usos de *realmente* como advérbio proposicional – o advérbio que “modifica” o sentido de uma proposição, que opera como uma função entre proposições, uma expressão de tipo <t, t>. Os casos privilegiados são

¹ Um quarto uso, identificado por LACERDA como “marcador discursivo de contraexpectativa”, é representado por ocorrências da expressão *realmente assim* e parece ser típica do dialeto de que foram observadas as ocorrências, o dialeto de Belo Horizonte (cf. LACERDA, 2012: 179-80). Até pela falta de dados dessas ocorrências, este trabalho não irá tratar delas.

os usos mais típicos de verificação factual, embora numa certa medida, esta análise também se coloque com relação aos marcadores de avaliação subjetiva, relacionáveis com os casos caracterizados, mais adiante, como confirmação. As leituras de *realmente* como intensificador terão que ficar para um outro trabalho.

Apesar de uma certa disparidade superficial, é possível reconhecer algumas hipóteses mestras nas descrições da operação semântica realizada pelo advérbio *realmente* em suas leituras factuais, nos autores que trataram do assunto. O primeiro trabalho sobre esse advérbio, ILARI (1996: 207), reconhece os traços fundamentais dessa operação; após descrever exemplos do uso de *realmente*, ILARI diz que:

“É difícil dizer até que ponto a presença do advérbio depende aí do contexto de demonstração/argumentação ou o reforça; seja como for, ele aparece na conclusão (não nas premissas), e responde por duas funções: 1) realçar a verdade da própria conclusão (reforço); 2) dar a entender que seria incorreto endossar opiniões contrárias (dissuasão). Aqui, joga-se com uma oposição entre verdade e aparência, sugere-se que é possível fundamentar a afirmação na observação imediata dos fatos ou em premissas facilmente compartilhadas e evocam-se, polifonicamente, opiniões divergentes”.

Ainda que sob outra ótica, CASTILHO (2000: 158) caracteriza *realmente* como um “modalizador epistêmico asseverativo” que expressa:

“uma avaliação sobre o valor de verdade da sentença, cujo conteúdo é apresentado como uma afirmação ou uma negação que não dão margem a dúvidas, por tratar-se de uma necessidade epistêmica. Desse tipo de predicação decorre um efeito colateral, que é manifestar no falante

um alto grau de adesão ao conteúdo sentencial, donde a significação enfática que igualmente aí se identifica”.

LACERDA (2012: 177), por sua vez, descreve o advérbio em questão como um “marcador epistêmico factual”, que expressa

“o julgamento dos falantes a respeito do grau de verdade da proposição com base em seu conhecimento da realidade. Tem, portanto, a função de asseverar que algo pode ser verdadeiro ou falso, tomando como referência o real. Baseia-se em evidência factual e tem escopo sobre toda a proposição”.

PARADIS (2004) descreve os usos do advérbio *really*, em inglês, que recobre, em linhas gerais, os usos de *realmente* em português, ainda que eles não sejam perfeitamente congruentes. Ela afirma (2004:5):

“O *really* atestador de verdade lança o seu escopo sobre uma proposição e sua função é assertar que algo pode ser verdadeiro ou falso. O papel de *really* é assegurar a verdade da asserção que ele toma em seu escopo.”²

PARADIS ainda vai afirmar que o papel de *really* pode ser parafraseado por *de acordo com evidência da realidade* [*in accordance with evidence from reality*] e que existem situações em que ele marca um contraste que pode ser parafraseado por “em contraste com o que você possa pensar” [*in contrast to what you might think*].

Sob toda a variação superficial das definições anteriores, podem-se reconhecer dois componentes invariantes na definição do uso de *realmente*:

² Truth attesting *really* takes scope over a proposition whose function is to assert something that may be true or false. The role of *really* is to ensure the truth of the assertion that it takes in its scope, and, in addition, to provide implicit evidence based in ,reality’.

- Uma proposição é apresentada e comentada pelo falante, que
 - atesta sua verdade com base nos fatos
 - e
 - contrasta essa afirmação com opiniões diferentes sobre a realidade [por “evocação polifônica”, ou por “exclusão das hipóteses em contrário”].

O comentário do falante sobre a proposição básica contida na sentença situa *realmente* como uma expressão que veicula um ato de fala de segunda ordem, em que o referente é a proposição básica da sentença em que ele figura, e não o estado de coisas da ‘realidade’ descrito por essa proposição básica. Assim, na linha de BACH (1999 e 2011), *realmente* seria um modificador de proferimento (*utterance modifier*) e expressaria uma segunda proposição, além da proposição básica denotada pela sentença.

O primeiro dos componentes desse comentário descreve *realmente* como uma expressão que situa o significado de uma proposição com relação ao conhecimento que os falantes têm do mundo. Ou, mais detalhadamente, com relação à divisão entre o que os falantes sabem ou não sabem do mundo (as proposições cujo valor de verdade se sabe e aquelas cujo valor de verdade não foi totalmente estabelecido) e o grau de certeza que os falantes têm sobre a verdade das proposições cujo valor de verdade ainda não foi totalmente estabelecido. Nesse tipo de operação se baseiam CASTILHO (2000), LACERDA (2012) e PARADIS (2004) na sua caracterização de *realmente/really* como um operador de modalização epistêmica. Na literatura, a noção de epistemicidade, tem sido, tradicionalmente, identificada com distinção entre a necessidade e a possibilidade epistêmica, que seriam expressos por operadores das línguas naturais como os advérbios *necessariamente* e *possivelmente*, respectivamente. Dado que *realmente* distingue-se desses advérbios, uma recolocação de noções como modalidade epistêmica e epistemicidade precisa ser feita.

O segundo dos componentes diz respeito à função do *realmente* em relação ao contexto em que uma sentença é proferida, em relação a afirmações anteriores e/ou estados de coisas anteriores sobre o que era conhecido ou não sobre o mundo e o grau de certeza que se tinha sobre as proposições cujo valor de verdade não estava totalmente estabelecido. Essa operação ainda se dá no campo do epistêmico, mas também recobre o campo da referência e organização do contexto.

Nas seções seguintes, cada um desses componentes será tratado, a começar pelo último, que demanda uma melhor caracterização dos contextos de uso de *realmente*, para verificar quais são as estratégias possíveis de recuperação de alternativas contextuais. Justamente essa necessidade de “rever os dados” é o que nos motivou a expor essa discussão antes, na Seção 1.

Já na Seção 2, o outro componente do significado de *realmente*, o que situa o significado da proposição com relação ao seu valor de verdade, é analisado, sobretudo no que diz respeito à caracterização de *realmente* como um tipo de expressão de natureza epistêmica.

1. Confirmação, verificação e os conteúdos implícitos: um passeio nos dados

A alegação de que *realmente* “evoca polifonicamente opiniões divergentes” está em Ilari (1996: 207) e as ocorrências concretas desse advérbio, em contextos de fala mais amplos do que os normalmente estudados na literatura (que raramente vão além da sentença), nos permitem observar uma ampla variedade de estratégias de (re)organização do material contextual. Nós podemos dividir essas ocorrências em termos do tipo de representação que elas projetam das alternativas evocadas - ou o tipo de evocação polifônica que elas fazem. Em primeiro lugar, vêm aquelas ocorrências que são mais “prototipicamente” de verificação: uma asseveração que ocorre no contexto de fala é retomada para ser confirmada factualmente, ou para ser incorporada, pelo falante, no universo das suas posições. O fragmento de texto abaixo:

- (6) As investigações começaram depois de uma denúncia anônima, que deu conta deste caso, e que o Weverton teria abusado das três filhas, que hoje não moram mais com ele, e que uma delas teria sido abusada desde 12 anos, ela hoje tem 18 anos. Os agentes investigaram, e foram levantadas várias denúncias, inclusive da ex-sogra do acusado e avó das vítimas, de que **realmente** ele teria abusado sexualmente das filhas e que seria violento, que por esse motivo elas não denunciavam.

ilustra a sequência mais canônica do uso do *realmente* factual, que recupera (e verifica) um conteúdo explicitado no contexto de fala anterior, em que pese o fato de que *realmente*, no trecho acima, estar numa sequência de discurso indireto, não sendo necessariamente o caso de comprometimento por parte do falante.

A respeito dessa questão, é importante fazermos duas distinções importantes. A primeira diz respeito à diferença entre “verificação” e “confirmação”, tal como usados aqui. Por “verificação [de factualidade]”, vamos entender aqui a expressão, pelo falante, de que o valor de verdade da proposição modificada por *realmente* foi estabelecido em concordância com os fatos. Por “confirmação”, entenderemos a expressão, por parte do falante, da concordância acerca de um determinado julgamento ou inferência sobre o mundo. O exemplo (6) é um caso de confirmação, em que se expressa que a proposição *Weverton abusou sexualmente das filhas* se verificou verdadeira de acordo com os fatos (ainda que, no caso em questão, a proposição esteja encaixada em uma construção reportativa)³.

³ Esta é, a princípio, uma distinção de trabalho. Parece ser o caso de que tanto a verificação como a confirmação apresentam um traço de comprometimento do falante. Apenas na verificação, no entanto, as coisas são apresentadas como questão de correspondência com os fatos. Na confirmação, essa correspondência não se coloca. Ou, melhor dizendo, os “fatos” são uma série de processos internos ao falante, a “verificação” é um processo subjetivo. Muito embora elas possam ser distintas por um comprometimento de tipo mais subjetivo, no caso da “confirmação” (dado que a primeira é mais descritiva dos fatos, enquanto a segunda é mais o compartilhamento de uma mesma inferência), do ponto de vista da representação da significação na língua natural talvez a distinção não faça muita diferença em termos de operações pragmáticas.

Os exemplos seguintes, porém, são exemplos de confirmação:

- (7) A parte do condomínio a gente sempre ouve dizer que todo mundo se aborrece com condomínio. **Realmente**, é muito difícil porque... Muito difícil quem queira se incomodar em ser síndico, de forma que quando alguém quer todo mundo aceita correndo sem examinar se aquela pessoa tem condições para ser síndico. [NURC: RJ]

No exemplo (7) a avaliação presente em é muito difícil retoma, ou melhor dizendo, recoloca ou resume, o material de uma proposição anteriormente reportada. A estratégia geral é representar primeiro a proposição como reportada, para só depois expressar o comprometimento do falante com a proposição. O exemplo (8) representa um caso em que a confirmação é feita dialogicamente, num caso de negociação de comprometimentos entre os falantes:

- (8) Começa a circular em Florianópolis hoje, fazendo a linha 233 (Trindade/Canasvieiras) da empresa Canasvieiras, um ônibus com acesso para bicicletas. Infelizmente, o veículo está por aqui apenas para ser testado.
O ônibus utiliza a tecnologia Euro V, com padronização de pintura para a Copa do Mundo.

COMENTÁRIOS:

- C1: Que reportagem estranha... não diz como funciona, não fala onde ele estará na copa. Que falta de informação!!
C2: Ta... e????? Pra q é? Poder carregar bicicletas? Expliquem melhor!
C3: **Realmente** muito pobre de informações a reportagem...

- C4: Estamos tao atrasados em relação a mobilidade urbana que muitos nem imaginam o que já existe ao redor do planeta. [...] **Realmente**, a matéria poderia ser mais elucidativa. Um começo bem simplista, mas um começo.
- C5: **REALMENTE** A RECLAMAÇÃO PROCEDE, FALTAM INFORMAÇÕES SOBRE O ASSUNTO!!!!⁴
[<http://wp.clicrbs.com.br/visor/2013/10/08/passagem-para-bicicleta/?topo=67,2,18,,67>]

O que de fato estabelece uma problematização para essas noções de verificação e confirmação é que *realmente* pode introduzir um material que contrarie a expectativa anterior, explícita no contexto:

- (9) **DOC.** -Eu estou te entendendo, mas agora uma outra pergunta que eu queria te fazer ainda, é sobre o comportamento de mulher. Por exemplo hoje é mais comum a mulher usar, não usar saia, né, vestido. Usa calça. Você reparou isso?
- LOC.** -Eh, eu acho que aqui no Rio não há assim uma ... Acho que é, eu acho que é difícil inclusive a gente definir o modo de se vestir do carioca, né, porque você vê nessa, nesse, nessa última semana como o tempo variou, né, então não há assim uma maneira definida. **Realmente** as mulheres usam, ora usam calça, ora estão com vestido, sempre de acordo com, com o clima, né? E, quer dizer, eu acho que é difícil, talvez se eu morasse em outro estado, num estado assim que o, a temperatura, que o clima fosse mais constante, talvez que eu

⁴ Muito sugestivamente, o último comentário da matéria, após o qual não houve mais nenhum comprometimento com a proposição *a matéria é pobre em informações*, é o seguinte:

Pros “espertos” que reclamaram de falta de informações, no final do texto tem um link para a matéria completa, mas se tiverem preguiça, está aqui: [link para a matéria completa].

Nesse caso, o silêncio (não houve nenhum comentário depois do comentário acima) pode denotar que a confrontação com os fatos pode ter revertido as confirmações anteriores. Mas essa questão foge ao escopo deste trabalho.

pudesse, eh, responder mais definiti... mais objetivamente essa tua pergunta. **Realmente** eu tenho observado que as mulheres usam calça, usam vestido. [PROJETO NURC, DID – INQUÉRITO 0096/LOCUTOR 0111]

(9) é um caso que nos leva a rever a noção de verificação/confirmação para uma noção ainda mais geral de “retomada, com confirmação/verificação ou não”, em que um elemento previamente explicitado no contexto de fala é retomado, podendo ou não ter confirmação. Nesses casos, cria-se um contraste com as opiniões contrárias (no caso, do próprio pedido explícito de confirmação). Na verdade, pode-se dizer que os casos de verificação/confirmação também expressam um contraste com alternativas em contrário. Como veremos adiante, *realmente* é um operador que marca a passagem de uma situação em que existe a possibilidade de dúvida para uma situação em que a dúvida é eliminada. O contraste, na verificação/confirmação seria dado pela eliminação das alternativas possíveis em contrário.

Ainda mais desafiadoras para esse contexto de verificação/confirmação são os casos de avaliação subjetiva e aqueles em que nenhum elemento explicitamente referido anteriormente no contexto de fala é retomado. Vejamos o primeiro caso: exemplo de LACERDA, em (5), retomado aqui em (10):

- (10) [...] você repare só, logo após uma corrida de Fórmula 1, como os desastres acontecem com muito mais rapidez porque normalmente o motorista começa a ziguezaguear, fazer loucura. Então, não gosto. Não gosto de boxe. Acho que é, um esporte brutal, ***eu gosto realmente*** é do esporte coletivo, isso aí, voleibol, basquete, e tal, mas o futebol, principalmente. (PROJETO NURC, 2011).

Nos casos de avaliação subjetiva, num primeiro momento, poderia se pensar uma relação com a confirmação, pois se trata da expressão de uma posição do falante. Por outro lado, ela também pode ser caracterizada como um processo de verificação factual que se dá introspectivamente, podendo-se pensar que o falante, se estiver respeitando a máxima de qualidade, é a garantia essencial dessa verificação/confirmação.

Os casos que não recuperam nenhum material disponível previamente no contexto são os mais complicados. As ocorrências abaixo (do Projeto NURC do Rio de Janeiro) foram todas proferidas por uma mesma falante, mas expressam nuances interessantes de um mesmo tipo de fenômeno:

- (11) **LOC.** - Quando eu saí do Rio para Belo Horizonte eu senti muito mais a diferença ...

DOC. - Hum. Isso que eu ia lhe pedir pra senhora contar.

LOC. - Do que... Muito mais. Quando eu cheguei em Curitiba, **realmente** no primeiro momento eu achei Curitiba mais atrasada do que eu esperava. Mas como eu fui no ano cinquenta e dois, que foi o ano de Curitiba... Começou a crescer, que houve os festejos de centenário e que houve muita construção nova [...] Agora, em Belo Horizonte eu senti mais a diferença. Primeiro que quando eu fui também fiquei uns tempos em pensão enquanto procurava casa. [PROJETO VARSUL - RIO DE JANEIRO]

- (12) **LOC.** - Não que fosse diferente não. As panelas, tudo comum. Hoje em dia o que pode haver era o que antigamente nós chamávamos de alguidar que era de...

DOC. - Ah, alguidar?

LOC. - Era de, era de barro, meio vidrado, que fazia as vezes de hoje dessas vasilhas que se compram pra, pra batedeira, né, pra fazer bolo. Então eram usadas e nós chamávamos de

alguidar. Isso **realmente** hoje não se usa mais. Mas no mais eu acho que era tudo igual. [PROJETO VARSUL - RIO DE JANEIRO]

- (13) **DOC.** Hoje em dia existe uma série de aparelhos elétricos [...] Como era (inint.) naquela época se resolvia?
LOC. Não, **realmente** o bolo era tudo batido à mão, com garfo. Isso não tem dúvida. [PROJETO VARSUL - RIO DE JANEIRO]

Nessas ocorrências, nenhum material é recuperado do que está disponível no contexto anterior. Ao contrário, existe antes uma projeção das “alternativas” para adiante, no contexto. Nos dois primeiros exemplos, a sentença com *realmente* é usada como suporte para uma adversativa. No primeiro caso, a adversativa atenua a avaliação de que Curitiba era uma cidade atrasada (sem, no entanto, refutá-la). No segundo caso, também se obtém o contraste sem refutar a confirmação factual enfática introduzida por *realmente*, contrastando um caso contra todo o universo de casos do mesmo tipo (bater bolo numa tigela contra todas as outras atividades que se faz na cozinha). Em (13), em que a proposição verificada não serve como suporte para uma relação adversativa, o contraste continua garantido e *realmente* parece introduzir um comentário do tipo: “por incrível que pareça”, “sem sombra de dúvida” ou “em contraste com o que você possa pensar”. Nesses três casos, *realmente* é utilizado em uma situação em que se estabelece um contraste com algum elemento recuperável [conversacionalmente] no contexto.

A contribuição de *realmente* pode ser resumida como a de retomar uma proposição em uma posição ulterior (anterior no contexto de fala, ou evocada numa projeção do conjunto de crenças do interlocutor) e confirmar/verificar ou negar seu valor de verdade (ou ainda estabelecer o valor de verdade de uma proposição cujo valor de verdade era ignorado no contexto anterior). No caso em que a verificação negue o valor de

verdade de uma proposição aceita como verdadeira anteriormente (ou na projeção do conjunto de crenças do interlocutor), podemos falar em contraste. Essa contribuição de *realmente*, num primeiro momento nos deixaria em dúvida entre caracterizá-la como uma implicatura convencional ou uma implicatura generalizada. Ela tem a característica da implicatura convencional de estar “convencionalmente” associada a um item lexical, no sentido de que ela é constante nos usos de *realmente*. Por outro lado, se *realmente* estabelece constantemente a retomada de algum tipo de conteúdo presente no discurso, ou até no conhecimento compartilhado pelos falantes, o tipo de material que ela (re)toma e a relação que ela estabelece são algo bastante modulável de acordo com o contexto e a intenção do falante, o que a aproxima das implicaturas conversacionais, ainda que não se confunda com os casos de implicatura conversacional mais clássicos.

BACH (1999: 343-344) observa que essa modulação conversacional, em uma noção convencionalmente introduzida, é marca de alguns itens que alegadamente introduzem implicaturas convencionais, como é o caso das “implicaturas” de contraste introduzidas por *but[mas]*. Assim, o exemplo (14):

- (14) Shaq is huge, *but* he is agile.
 Shaq é grandalhão, *mas* ele é ágil;

não introduz sempre um mesmo tipo de contraste. A leitura mais comum, ao menos a mais presente na literatura, é a de que a propriedade de ser grandalhão tende a ser vista como incompatível com ser ágil, mas contrariando essa expectativa, Shaquille O’Neill é as duas coisas. Essa, no entanto, não é a única relação contrastiva possível entre essas duas propriedades. Como alternativa, suponha que nós estamos falando sobre centros da NBA, a maior parte dos quais são tanto grandalhões como ágeis. E digamos que eu tenha feito uma lista de exceções (centros

que eu penso que são grandalhões e desajeitados), mas por engano eu pus Shaquille O’Neill na lista. Você destaca o meu erro e diz, “Shaq é grandalhão, mas ele é ágil”. O contraste aqui entre ser grandalhão e ser ágil é que ao ter a segunda propriedade distingue Shaq dos outros da lista. E seu eu insistir que Shaq é grandalhão e desajeitado e você disser de novo “Shaq é grandalhão, mas ele é ágil”, você está indicando um terceiro tipo de contraste entre ser grandalhão e ser ágil, nomeadamente que ser ágil, ao contrário de ser grandalhão, não é uma propriedade que eu atribuí a Shaq. Assim não há um único tipo de contraste que é determinado pelo significado da palavra *mas*. Isso mostra que não há uma única contribuição que *mas* faça ao conteúdo vericondicional, de forma que qualquer alegação específica sobre seu conteúdo vericondicional é vulnerável a contraexemplos, mas isso não sugere, muito menos demonstra, que *but* gera uma implicatura *convencional*. Essa variabilidade sugere que os diferentes efeitos contextuais são conversacionais, não convencionais. A noção de contraste “convencionalmente” expressa por *mas*, que pode portar diferentes efeitos contextuais, é o que BACH (1994, 1999) chama de “implicitura”.

A implicitura é um intermediário entre o que é dito e a implicatura (BACH, 1999: 338), e precisa ser sempre completado por uma implicatura. E por implicatura, na proposta de BACH, que é subscrita por este trabalho, sempre se entende uma implicatura conversacional, já que ele não considera as alegadas implicaturas convencionais como implicaturas, mas sim como parte do que é dito.

Após BACH (1994), a implicitura foi localizada em outras construções. No caso dos itens que alegadamente introduziriam implicaturas convencionais, ela está ligado ao importe convencional que uma expressão faz ao sentido da sentença em que ela figura. Mas há outros casos⁵ analisados na literatura em que a implicitura não está

⁵ Por exemplo, em Bach (1999: 335) se discutem casos de *ellipse* como:

(1) Frege was a great philosopher of language, and so was Grice.

Nesse caso, o falante está dizendo (implicitamente), e não meramente implicando, que Grice foi um grande filósofo da linguagem.

ligada a nenhum tipo de importe convencional introduzido por um dispositivo específico (como um advérbio, um *mas*, um *mesmo*), sendo simplesmente conversacional. A interpretação da implicitura dependeria, assim, do que GARRET & HARNISH (2003) chamam de “elementos inexpressos do conteúdo” (*unexpressed elements of content*). As proposições seriam expressas (e interpretadas) através de uma “heurística default”, operando um conhecimento de *background*, ou antes estariam ligados à língua a partir da padronização de uma forma para um certo uso⁶.

No caso de *realmente*, os dados demonstram que os elementos básicos das expressões que introduzem implicitura são satisfeitos: a retomada de elementos [inexpressos] do conteúdo para além da sentença é constante – “convencional” no sentido griceano clássico – mas ao mesmo tempo conversacionalmente modulados, a depender do contexto e da maneira de o falante introduzir o contraste com esse material ulterior. Por outro lado, o suporte dessa retomada de material ulterior, com ou sem contraste, é o valor de *realmente* como uma expressão que atesta que o valor de verdade da proposição básica da sentença foi estabelecido, que é o assunto da próxima seção.

1. Epistemicidade e as fronteiras da dúvida

Conforme foi dito na introdução, a caracterização de *realmente* como um modalizador epistêmico aparece em CASTILHO (2000), PARADIS (2004) e LACERDA (2012). CASTILHO (2000: 155-6) chega a aludir a uma distinção entre “modalidade” e “modalização” epistêmicas, mas apenas para dizer que não vai levar em consideração tal distinção.

De qualquer forma, CASTILHO (2000: 156) distingue dois tipos de modalizadores epistêmicos: os **asseverativos**, que expressam “uma avaliação sobre o valor de verdade da sentença, cujo conteúdo é apresentado como uma afirmação ou uma negação que não dão

⁶ Para mais detalhes dessa distinção, ver Garret & Harnisch (2003). Nesse texto, os autores dão conta de que os experimentos parecem favorecer a padronização sobre a heurística default.

margem à dúvidas, por se tratar de uma necessidade epistêmica” e os **quase-asseverativos**, que “expressam uma avaliação sobre o conteúdo sentencial dado pelo falante como quase certo, próximo à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação”. *Realmente* é caracterizado como um modalizador epistêmico asseverativo afirmativo (2000: 157).

Em que pese o fato de que Castilho capturou uma intuição importante sobre *realmente*, que vai fazer toda a diferença dele com relação aos outros advérbios epistêmicos, essa alusão à necessidade epistêmica precisa ser, antes de tudo, refinada. Em primeiro lugar, *realmente* se opõe aos marcadores de possibilidade epistêmica, como *possivelmente*, mas não da mesma maneira com que marcadores clássicos da necessidade epistêmica (como *necessariamente*) se opõem:

(15)

- (a) O João **possivelmente** chegou antes das dez, ontem.
- (b) O João **necessariamente** chegou antes das dez, ontem.
- (c) O João **realmente** chegou antes das dez, ontem.

Certamente, tanto *realmente* em (15c) como *necessariamente* em (15b) se opõe a *possivelmente* em (15a), mas de maneira diferente. Tanto (15a) como (15c) expressam a inexistência de dúvidas com relação à verdade da proposição. *Necessariamente* atua no nível das possibilidades epistêmicas, como *possivelmente*, mas para expressar que não existe a possibilidade em contrário de o João ter chegado antes das dez. *Realmente* não atua nesse nível: ele expressa que a proposição teve seu valor de verdade verificado e estabelecido. Isso não ocorre com os modalizadores de possibilidade e necessidade epistêmica: eles expressam a situação em que o valor de verdade da proposição não foi (ainda) verificado factualmente. Nesse sentido, a inexistência de dúvidas decorre de circunstâncias diferentes: de algum processo de verificação, em *realmente*, da impossibilidade da situação em contrário, em *necessariamente*.

É claro que, na língua natural e nas situações normais de uso, um exemplo como (15b), dado para manter a simetria entre os três operadores num mesmo e exato contexto de ocorrência, pode ser entendido mais como uma inferência muito forte do que como uma necessidade epistêmica propriamente dita. Numa situação concreta, (15b) poderia ser dita se, por exemplo, nós soubéssemos [digamos, a partir de evidência de observação direta da realidade] que o João estava no ônibus que chegou às nove e meia, e que o ônibus das nove e meia chegou, mas efetivamente nenhum de nós o viu desembarcando. Num caso como esse, a não ser que algo bastante inesperado tenha acontecido, não haveria nenhuma possibilidade de (15b) ser falsa. Mas, ainda em termos práticos, talvez apenas casos como (16) sejam necessidades epistêmicas:

- (16) Se hoje é dia 18 de abril, amanhã *necessariamente* será dia 19 de abril.

Tanto que são casos em que o uso de *necessariamente* é absolutamente desnecessário.

É importante observar que a distinção entre *realmente* e os outros modalizadores epistêmicos – os quase-asseverativos de CASTILHO (2000) – é uma distinção de qualidade, não apenas de quantidade. Ele marca que a fronteira entre a especulação sobre o grau de certeza com que se desconfia daquilo que não se sabe – ou entre as proposições cujos valores de verdade ainda estão em processo de serem estabelecidos – já foi cruzada, na direção das proposições cujos valores de verdade já são conhecidos. Nesse sentido, *realmente* não se opõe a um dos elementos na escala dos modalizadores epistêmicos quase-asseverativos, mas a toda a escala, no sentido de estar totalmente fora da escala, não de ser uma espécie de grau máximo nessa escala:

(17)

- (a) O João **realmente** chegou antes das dez, ontem.
- (b) O João **possivelmente** chegou antes das dez, ontem.
- (c) O João **certamente** chegou antes das dez, ontem.
- (d) O João **evidentemente** chegou antes das dez, ontem.

Os exemplos acima poderiam ser colocados em escala, com *possivelmente* e *certamente* representando os graus mínimo e máximo, respectivamente, com relação à certeza que se tem da verdade de uma proposição. Mas observe-se que mesmo a sentença com *certamente* expressa o desconhecimento sobre o valor de verdade da pressuposição. Esse advérbio de modalidade epistêmica expressa que o grau de certeza que se tem (com relação a um corpo de conhecimentos) de que uma proposição é verdadeira é muito grande e, paralela e complementarmente, que o grau de dúvida é muito pequeno. Mas, ainda assim, se expressa que o valor de verdade dessa proposição não foi verificado (factualmente, por exemplo), portanto ainda faz sentido falar-se em certeza (e dúvida). *Realmente*, por outro lado, expressa exatamente que a fronteira que separa a situação em que existe alguma possibilidade de dúvida (e de certeza) foi transposta e que a verdade da proposição foi estabelecida (factualmente, por exemplo).

O advérbio “evidencial” *evidentemente* foi colocado aí para situar a sua contribuição ao significado das sentenças em que ele figura, de acordo com sua posição com relação aos advérbios modalizadores epistêmicos. Ele também parece se situar em algum ponto da escala “epistêmica”, em algum lugar próximo do ponto máximo da escala, nas vizinhanças de *certamente*, mais ainda do lado dos advérbios que expressam um certo grau de certeza/dúvida. Sua contribuição individual é a de expressar a fonte da informação (ou da certeza).

A diferença entre *realmente* e os advérbios da escala epistêmica pode ser capturada pelo clássico teste da contradição (ver, *p. ex.*, Moeschler REFE e Karttunen & Peters, 1979: 12):

- (18) (a) *O João **realmente** chegou antes das dez, ontem, mas isso ainda não foi comprovado.
 (b) O João **possivelmente** chegou antes das dez, ontem, mas isso ainda não foi comprovado.
 (c) O João **certamente** chegou antes das dez, ontem, mas isso ainda não foi comprovado.
 (d) O João **evidentemente** chegou antes das dez, ontem, mas isso ainda não foi comprovado.

A única possibilidade de (18a) ser verdadeira é a de que por *comprovado* se esteja querendo dizer algo como “oficialmente reconhecido”. Ou com interpretação metalinguística, numa situação como a seguinte: imagine que eu esteja combinando com um amigo que ambos vamos dizer a um conhecido que é apenas possível (mas não totalmente comprovado) que o João tenha saído antes das dez. Porém a realidade é que o João de fato saiu antes das dez, ontem, e nós sabemos disso. Nesse caso, eu e o meu amigo estaríamos claramente violando a máxima de qualidade na nossa interlocução com o conhecido. Do contrário, tem-se uma contradição. Isso quer dizer que a contribuição de *realmente* para o significado da sentença apresenta o aspecto de não poder ser cancelada conversacionalmente, da mesma forma que o conteúdo das alegadas implicaturas convencionais.

Complementarmente, os advérbios modalizadores da escala epistêmica vão expressar sempre a não-comprovação da verdade da proposição, de maneira que eles são incompatíveis com a expressão da comprovação:

- (19) (a) *O João **realmente** chegou antes das dez, ontem, mas isso já foi comprovado.

- (b) *O João **possivelmente** chegou antes das dez, ontem, mas isso já foi comprovado.
- (c) *O João **certamente** chegou antes das dez, ontem, mas isso já foi comprovado.
- (d) *O João **evidentemente** chegou antes das dez, ontem, mas isso já foi comprovado.

Em (19b-19d), a proposição expressa na sentença introduzida por *mas* contradiz a proposição modalizada epistemicamente na primeira sentença, já que essa proposição necessariamente expressa que a comprovação ainda não foi feita. Por outro lado, também a sentença com *realmente* não se sai bem, já que ela já expressa a comprovação da verdade da proposição. Assim, (18a) não pode ser verdadeira porque a proposição *joão realmente chegou antes das dez* expressa, além da proposição *joão chegou antes das dez*, a proposição de que essa primeira proposição foi comprovada. Assim, uma forma “estendida” da proposição *o joão realmente chegou antes das dez*, contendo a proposição básica e a proposição introduzida por *realmente* seria algo como (20):

- (20) O João chegou antes das dez e isso já foi comprovado.
A forma estendida para a sentença (18a), seria algo como (21):
- (21) O João chegou antes das dez e isso já foi comprovado, mas isso ainda não foi comprovado.

que exige, para que seja verdadeira, que duas proposições contrárias sejam verdadeiras ao mesmo tempo. Por outro lado, a forma estendida de (19a) seria algo como (22):

- (22) O João chegou antes das dez e isso já foi comprovado, mas isso já foi comprovado.

que tampouco pode ser verdadeira, já que *mas* expressa o contraste entre duas proposições e (22) exige que uma proposição contraste consigo mesma. A única possibilidade para (18a) ser verdadeira seria outra “manobra” conversacional, por exemplo, no momento em que eu faço a afirmação, a meu(s) interlocutor(es), de que realmente o João chegou antes das dez, eu me recordo que essa informação já foi confirmada.

Isso nos ensina duas coisas sobre as adversativas: 1. uma proposição não pode contrastar com a sua proposição contrária, porque é exigido, para o contraste, que os dois termos de uma adversativa sejam verdadeiros; 2. uma proposição não pode contrastar consigo mesmo, porque o contraste deve ser feito com proposições diferentes. Mas é provavelmente algo que nós já sabíamos.

Em todo caso, duas conclusões emergem desses testes. A primeira é que a proposição, introduzida por *realmente*, afirma que proposição básica não é cancelável. A segunda é que essa proposição não é modulável conversacionalmente de acordo com o contexto, como ocorre com a retomada de material ulterior: ela é invariável.

Resta entender como *realmente* se situa com relação à modalização epistêmica, entendida estritamente, qual seja, a referência a possibilidade e/ou necessidade epistêmicas. Num primeiro momento, dado que *realmente* não se confunde com a necessidade epistêmica e se encontra fora da escala de referência a graus de possibilidade epistêmica, ele estaria fora desse campo, ao menos sob uma caracterização mais estrita.

De um ponto de vista mais amplo, *realmente*, assim como outras “famílias” de expressões (os evidenciais, por exemplo, se colocariam no campo epistêmico, considerando-se aí a representação da origem e credibilidade do conhecimento através da linguagem, e da construção contextual dos corpos de conhecimento). Acredito que sua relação com os epistêmicos mais típicos – ainda por meio de uma relação de oposição simétrica a eles – ficou bastante clara nas últimas linhas. Obviamente, a organização desse campo implica o estudo dessas famílias de expressões.

Assim, alguns tipos de operadores proposicionais requerem que o conhecimento do valor de verdade da proposição que modificam esteja estabelecido (ou expressam que esse valor está estabelecido):

(23)

- (a) O João **obviamente** chegou antes das dez, ontem.
- (b) O João **compreensivelmente** chegou antes das dez.
- (c) O João **supreendentemente** chegou antes das dez, ontem.
- (d) O João, **infelizmente**, chegou antes das dez, ontem.

Um outro traço que une todas essas expressões é o de serem modificadores de proferimento (*utterance modifiers*), no sentido de BACH (1999), expressões que servem de veículo a um ato de fala de ordem superior. Seu papel nas sentenças em que figuram é introduzir um comentário acerca do valor de verdade do conteúdo da sentença e, no caso de *realmente*, também reorganizar o corpo do conhecimento do(s) falante(s) pela (re)avaliação das possibilidades e certezas.

Conclusão

Nas seções anteriores, concluímos que *realmente* introduz dois comentários à proposição básica da sentença em que figura:

1. o valor de verdade da proposição foi estabelecido como verdadeiro;
2. o valor de verdade da proposição confirma (ou contradiz) uma expectativa ulterior (do contexto de fala anterior, ou de uma projeção das crenças do interlocutor).

O primeiro componente não é cancelável nem modulável discursivamente. O segundo componente é altamente dependente de contexto. Ambos os comentários situam *realmente* no âmbito das expressões que atuam como veículo para realização de atos de fala de ordem superior.

A rigor, tanto as abordagens de ILARI (1996) como as posteriores, a começar com CASTILHO (2000) capturam, cada uma à sua maneira, intuições importantes sobre *realmente*: a de advérbio de verificação, que evoca polifonicamente opiniões divergentes, de ILARI (1996), e a de advérbio epistêmico, de CASTILHO (2000) e das outras abordagens. Acreditamos que este trabalho tenha lançado alguma luz na maneira com que essas duas noções são expressas.

A caracterização de *realmente* como advérbio epistêmico, não necessariamente “modalizador” (se entendermos “modalizador” como marcador das “modalidades” epistêmicas clássicas da possibilidade e da necessidade), vai implicar uma ampliação da noção de epistemicidade. Por outro lado, a assunção de que os advérbios que introduzem comentários a sentenças são veículos de atos de fala de ordem superior abre um caminho interessante para o entendimento dos mecanismos de funcionamento da epistemicidade nas línguas naturais, o que, obviamente, é algo que deve ficar para trabalhos futuros.

Referências

- BACH, Kent. **Conversational implicature**. *Mind and Language*, 1994. ano 9, v.1, p. 124-162.
- _____. **The myth of conventional implicature**. *Linguistics and Philosophy*. 1999, 22, v.2, p. 327-366.
- _____. **A Perspectives on possibilities: contextualism, relativism or what?** In: EGAN, Andy e Brian Wheaterson (organizadores). *Epistemic modality*. Oxford, Oxford University Press, 2011. p.19-59.
- CASTILHO, Ataliba T. **O modalizador *realmente* no português falado**. *Alfa*, São Paulo. 2000, 44, v.1, p. 147-169.

GARRET, Merrill e Robert M. Harnish. **Q-phenomena, I-phenomena and implicature**: some experimental pragmatics. *International Review of Pragmatics*, 2009, vol. 1. pp. 84-117.

ILARI, Rodolfo. **Sobre advérbios focalizadores**. In: _____ (organizador). *Gramática do português falado II: níveis de análise linguística*. Campinas, editora da UNICAMP, 1996. p.192-212.

LACERDA, Patricia F. A. C. **A multifuncionalidade do advérbio “realmente” na língua portuguesa sob a perspectiva da gramaticalização de construções**. *Alfa*, São Paulo. 2012, 56, v.1, p. 169-200.

PARADIS, Carita. **Between epistemic modality and degree**: the case of *really*. Disponível em <<http://lup.lub.lu.se/luur/download?func=downloadFile&recordOId=527128&fileOId=1590141>>, consultado em 17 de abril de 2015.

PROJETO NURC. **Projeto norma linguística urbana culta do Rio de Janeiro**. Disponível em :<<http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>> Acesso em 18 de abril de 2015.

Recebido em 21/08/2015 e aceito em 09/11/2015.